

## **Carta aberta a uma jovem mãe russa**

**Por: Maria Clara Bingemer**

Não sei seu nome e provavelmente nunca vou saber. Para mim, como para muitos, você é apenas uma bela e jovem mulher, de cabelos e olhos negros, que na semana que passou povoou as primeiras páginas de todos os jornais e ocupou o centro da mídia. Sua eslava beleza, revestida da simplicidade do cabelo recolhido em um rabo-de-cavalo e de um leve vestido de verão, tornava ainda mais pungente a visão da dor que era sua e de centenas de outras mulheres como você, no inferno de Beslan, república russa da Ossétia do Norte.

Naquele momento em que a câmera do fotógrafo capturou seu rosto, você certamente não pensava em números e estatísticas. Lembrava-se apenas de que um grupo de homens e mulheres, carregando, além de armas, explosivos junto ao corpo, todos vestidos de preto, havia invadido a escola onde estudava sua filha e a tinha mantido refém com centenas de outras crianças, mães e professores, por mais de 50 horas, sem comida e sem água. Não importava por que acontecera aquela tragédia, como começara exatamente, nem por que o presidente Vladimir Putin, emparedado em seu tolo orgulho, recusara-se a negociar com os seqüestradores.

Você sabia apenas que sua filha, sua pequena, linda e adorada filha, não tinha resistido ao seqüestro e encontrava-se morta, deitada no chão, com o rostinho ferido e a cabeça enrolada em uma bandagem, ao lado de centenas de outras. Seu aspecto é grave e quieto, sem expressões retorcidas na face, nem gritos, nem gestos desesperados. Com uma das mãos, você a acaricia e com a outra segura sua própria garganta, como para impedir que o grito da dor lancinante que a habita por inteiro saia, rouco e cavo, deflorando o ar contaminado pelo sangue e pela barbárie inaudita, que feriram a dignidade e a inocência da sua maternidade para sempre mortalmente vulnerada.

Nunca mais seus dias e noites serão os mesmos, seu sono será tranqüilo e sua vida conhecerá o sabor da alegria do abraço daquela pequena menina que um dia saiu de seu

ventre e hoje você enterra e vê desaparecer sob a terra fria e implacável. Nunca mais você sentirá o abraço adorável e macio desta filha querida que era seu orgulho e alegria de viver.

Hoje é seu cadáver que você acaricia suavemente com uma das mãos, enquanto com os olhos fechados busca dentro de si um sentido para tudo aquilo. Você sabe que foi feita para a vida e para dar a vida. Essa que foi fruto bendito de seu ventre, que você viu nascer, crescer, ir à escola. Você, certamente, sonhava um dia vê-la formar-se, casar, ter filhos e alegrar sua velhice. Agora ela jaz inerte e tudo que você pode dar-lhe é sua dor inconsolável e sua perplexidade. Ainda em choque, não consegue entender como tudo aquilo começou e por que tudo acabou assim para tantos, inclusive para sua menina.

Tomara que você consiga abrir caminho através da dor para tentar impedir que semelhante tragédia aconteça aos filhos dos outros. Tomara que o sofrimento a faça fecunda da maternidade que é sua para sempre, mesmo que sua filha não esteja mais com você. Tomara que o agudo da dor a faça pensar e refletir, junto às outras mães que perderam filhos no massacre de Beslan, sobre o horror em que está se tornando o nosso mundo, que tortura e mata inocentes.

Mais ainda: tomara que vocês, mães que hoje choram seus filhos vítimas da barbárie insana e assassina do terrorismo e da omissão soberba e cruel dos governantes, comecem a refletir juntas sobre o fato de que entre os que mataram seus filhos encontravam-se as Viúvas Negras. Mulheres como você, feitas para dar a vida, cuidá-la e fazê-la florescer e que, no entanto, se dedicam a agredi-la, torturá-la e eliminá-la da face da terra, numa atitude de revolta insana por terem sofrido a dor da perda de seus maridos e irmãos, mortos na guerra separatista que assola a Rússia.

Desejo que você, como eu, que também sou mãe e tenho filhos, esteja convencida de que é urgente que as mulheres assumam seu posto junto à vida. Sobretudo porque já não é a primeira vez que as vemos na inversão de seu lugar e sua missão: matando em vez de dar à luz, atirando em vez de proteger, torturando pela sede e a fome em vez de nutrir e alimentar.

No último mês de agosto, você talvez se lembre de que uma mulher-bomba se explodiu numa das principais estações do metrô de Moscou, na hora do *rush*, provocando a morte de nove pessoas. Em julho do ano passado, duas mulheres com bombas amarradas no corpo invadiram um festival de rock, também em Moscou, matando 15 pessoas. Muitas mães, aí, choraram seus filhos, como você, hoje e agora. Como todas nós, de uma maneira ou de outra, se o mundo continuar seguindo o caminho de agora.

Querida companheira de gênero e de destino, não sei se você reza ou crê. Mas lá dentro, em meio ao horror do desespero, do calor, da fome e da sede, da incerteza e do medo, uma mulher testemunhou que muitos rezavam e aos que não sabiam rezar, "nós ensinamos". Se você crê e reza, já sabe de tudo que penso e digo. Sua dor não é menor por isso, nem a injustiça e a barbárie devem ser menos denunciadas e punidas. Mas você sabe Quem é o único que pode dar-lhe consolo.

Se você não reza, Ele reza em você. Faz Seus os seus gemidos, sofre com você sua dor. Fica perto de você sem nada dizer, ao menos para que sinta que não está sozinha. Como Criador, ele fez a mulher para dar a vida. Só Ele tem poder para fazê-la voltar a assumir com força a defesa inquebrantável desta vida. Só Ele, que hoje recebe sua filhinha na plenitude de seu amor, poderá fazer com que as mulheres não compactuem nunca mais com a violência e o terror, construindo um mundo onde a ternura e a compaixão sejam realidades presentes e onde não haja mais olhos maternos vertendo lágrimas impotentes e doloridíssimas, na inversão perversa da contração do parto.